

A Mesa da Palavra explicada

Diácono José Luís

Domingo XXXIV do Tempo Comum – Solenidade de Cristo Rei

1ª leitura – Daniel 7, 13-14

Salmo - Salmo 92 (93)

2ª leitura – Apocalipse 1, 5-8

Evangelho – João 18, 33b-37

Irmãos e irmãs na fé em Jesus, o anúncio vivo de um tempo novo, tempo de paz e justiça, tempo de verdade, um tempo em que a luz reine sobre as trevas.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

As leituras deste Domingo poderiam ter como mote estas palavras do poeta Fernando Pessoa.

Elas falam-nos de sonhos que anunciam a vontade de Deus.

Já conhecemos um homem, José, que acreditou nos sonhos e guiado por eles cuidou de Jesus indefeso perante os poderes do mundo. Mas os textos de hoje falam-nos de outros homens e de outro tipo de sonhos. Sonhos que prevêem tempos de glória, de poder e realeza. Sonhos que os estudiosos da Sagrada Escritura classificam de Apocalípticos porque nos revelam o futuro utilizando uma linguagem simbólica, no intuito de alimentar a esperança.

Os homens que os sonharam são na primeira leitura Daniel e na segunda João.

A Leitura 1 é do Livro de Daniel. Terá sido escrito cerca de 2 séculos AC. O autor é desconhecido e o livro toma o nome da personagem principal das narrativas, Daniel, um jovem judeu levado para a Babilónia onde recebe instrução e educação na Corte. Ao aperceber-se do sofrimento do seu povo, envolvido em guerras e forçado a abandonar a sua cultura pela cultura grega, Daniel vai alimentar a esperança dos judeus, relatando-lhes um sonho e animando-os a confiarem em Deus e a manterem viva a confiança nas promessas messiânicas anunciadas pelos profetas.

O género apocalíptico é rico em sinais e símbolos. Para os compreender e entender a mensagem que contêm, temos de os situar na história, na tradição do povo e também no anúncio dos profetas.

Na profecia de Daniel que escutamos este Domingo podemos identificar alguns desses símbolos:

- as visões da noite, quer dizer os sonhos
- um filho do homem, uma designação que anuncia já no AT a condição simples e humilde do Messias aguardado. No NT, esse título de Filho do Homem, vai contrapor ao Messias Libertador do poder de Roma, um Messias Servo de todos, na mais profunda encarnação da condição humana sofredora.
- o ancião que governa com poder eterno, é a imagem de Deus que preside e governa a história dos povos como juiz que protege do mal e das injustiças.

A mensagem do Livro de Daniel torna-o um dos mais representativos elos de ligação entre o AT e o NT e mostra que existe entre ambos uma continuidade.

Essa continuidade está bem expressa no Livro do Apocalipse, de onde escutamos a Leitura 2.

A palavra Apocalipse significa Revelação, título que também é dado ao livro que narra o sonho de outro homem, João. Tendo sido escrito depois da vinda do Messias anunciado pelos profetas, por uma testemunha privilegiada da actuação salvífica de Jesus, e depois do Seu regresso ao Céu, o Livro do Apocalipse é rico em imagens simbólicas e grandiosas.

Surgiu num tempo de perseguição aos cristãos, de grandes padecimentos, e pretende assegurar aos crentes que Deus nunca os abandonará.

A passagem que hoje escutamos apresenta-nos Jesus como o Alfa e o Ómega, as letras inicial e final do alfabeto grego com o qual se pode representar em palavras tudo o que compõem o universo. Jesus é apresentado como o princípio e o fim de tudo. A causa originária e a meta definitiva. Por Ele, todas as coisas foram feitas, e o Seu reino não terá fim.

O Salmo que escutamos entre as leituras, reforça esta continuidade entre o AT e o NT patente nas profecias de Daniel e João: Deus reina sobre a criação. O Seu poder é superior ao tempo e abrange todo o universo: “Vós existis desde toda a eternidade e a santidade habita na vossa casa para sempre”.

Estes dois sonhos messiânicos têm uma única centralidade: Jesus.

E porque o sonho comanda a vida, como escreveu outro poeta, António Gedeão, o Evangelho deste Domingo revela-nos Jesus como um sonhador e qual o Seu sonho.

O sonho dá sentido à vida. Individual ou comum, de uma pessoa ou de uma comunidade, todos somos feitos dos nossos sonhos já realizados e são os nossos sonhos por realizar que nos fazem mover. Aquilo que ainda não é mas que queremos que seja e acreditamos que será.

Jesus tinha um grande sonho: o Reino de Deus. Ele não se anunciou a Si mesmo, nem à Igreja, nem directamente a Deus. Jesus inicia a Sua pregação anunciando o Reino: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Mudai de vida e acreditai na Boa Nova” disse Jesus no início do Evangelho de Marcos.

A expressão Reino de Deus aparece mais de 100 vezes no Evangelho e quase todas dita por Jesus, o que mostra como era este o Seu sonho.

Os nossos anseios mais profundos procuram respostas nos sonhos.

Todos sofremos com as divisões e os ódios, todos procuramos a paz e a concórdia. Todos tememos a guerra e a violência. Magoam-nos as maldades humanas, consumimo-nos no trabalho diário. Temos medo das doenças e fugimos da morte. Assusta-nos a natureza quando se revolta e queremos vê-la pacífica e fonte de vida. Procuramos uma existência saudável e sonhamos com uma vida feliz.

Queremos estar bem com Deus e sentir a Sua presença, mas Ele tanto se manifesta como parece esconder-se. Angustiamo-nos por vê-Lo de novo e recomeça um novo sonho. O sonho nunca acaba.

O Reino de Deus quer responder a estas inquietações, que nos são comuns e nos inquietam todos os dias.

O Reino de Deus não é um território. Não é expressão de poder religioso nem de poder político, não se reduz a um povo. É uma nova ordem das coisas: os últimos serão os primeiros, os pequenos serão os grandes, os humildes exaltados, os doentes curados, os oprimidos libertados, os sofrimentos extintos. A morte será vencida e os mortos ressuscitarão.

O sonho de Jesus foi apresentado assim na Sua primeira aparição na Sinagoga de Nazaré.

Deus passou a ser chamado de Pai, infinitamente misericordioso, não um Deus fechado na religião mas um paizinho próximo, sem necessidade de intermediários.

E este sonho não foi apenas um desejo, exprimiu-se, curou pessoas, alimentou famintos, ressuscitou mortos, acalmou tempestades e revelou poderes corruptos, religiosos e políticos.

Esse sonho custou-Lhe a vida.

Mas esse sonho atraiu muitos e continua a atrair porque não é um reino deste mundo, como Jesus disse a Pilatos. A origem deste reino está em Deus. O Reino não é deste mundo, realiza-se neste mundo. É um reino de verdade que se realiza em gestos autênticos, em pessoas reais e que começa nos últimos, os mais oprimidos e marginalizados: os pobres a quem Jesus chamou bem-aventurados, os primeiros do Reino. Porque Deus é vida e é atraído pelos que têm menos vida, por aqueles a quem a vida é negada.

Seremos capazes de partilhar deste sonho ?

Jesus nunca quis ser Rei. Nunca se intitulou de Rei e fugiu quando o quiseram fazer Rei. Hoje, e nos últimos 100 anos, celebramo-Lo de novo como Cristo Rei, um título que nunca foi muito popular, nunca entrou fundo no coração dos crentes. E o sentir do Povo de Deus é também manifestação do Espírito.

Há 8 dias celebramos o Dia do Pobre, o sujeito central da acção do Reino sonhado por Jesus.

E se o dia de Cristo Rei se juntasse ao Dia do Pobre e passássemos a celebrar o Dia do Reino ? Faria sentido, se nos deixarmos cativar pelo sonho de Jesus e entrarmos na construção do Reino. Que é cada vez mais urgente

José Luís